

OS IMPACTOS CAUSADOS EM INDIVÍDUOS EXPOSTOS À VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

THE IMPACTS CAUSED ON INDIVIDUALS EXPOSED TO VIOLENCE IN CHILDHOOD: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

Mariana Alves Queiroz de OLIVEIRA*¹
Rafaela da Silva LEOPOLDINO¹
Suellen VILALVA²

RESUMO

Introdução: Os contextos de violência que uma criança pode vivenciar são múltiplos, assim como os tipos de violência. Sabe-se, por meio de pesquisas e análises clínicas, que a exposição a qualquer tipo de violência durante o desenvolvimento infantil pode ter consequências significativas para a criança, tanto na sua infância, quanto na vida adulta. **Objetivo:** Este estudo objetivou investigar os impactos causados em indivíduos adultos expostos à violência na infância. **Materiais e Métodos:** Foi realizada uma revisão sistemática de literatura com seleção de artigos na base de dados BVS. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 8 artigos, os quais foram analisados na íntegra. Os achados revelam impactos da violência na vida adulta, como reprodução de violência, sintomas ansiosos e depressivos. **Considerações Finais:** Os impactos psicológicos decorrentes da vivência de negligência ou violência na infância, incluíram a reprodução de comportamentos violentos, a internalização de papéis de gênero, além de transtornos mentais como depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático, o que justifica a continuidade das pesquisas sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Negligência infantil; Psicologia; Violência.

ABSTRACT

Introduction: The contexts of violence that a child can experience are multiple, as are the types of violence. It is known, through research and clinical analyses, that exposure to any type of violence during child development can have significant consequences for the child, both in childhood and in adulthood. **Objective:** This study aimed to investigate the impacts caused in adults exposed to violence in childhood. **Materials and Methods:** A systematic literature review was carried out with selection of articles from the BVS database. **Results and Discussion:** Eight articles were found, which were analyzed in full. The findings reveal impacts of violence in adulthood, such as reproduction of violence, anxiety and depressive symptoms. **Final Considerations:** The psychological impacts resulting from the experience of neglect or violence in childhood included the reproduction of violent behaviors, the internalization of gender roles, as well as mental disorders such as depression, anxiety and post-traumatic stress disorder, which justifies the continuation of research on the subject.

KEYWORDS: Child neglect; Psychology; Violence.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a história da infância é marcada por várias violações de direitos, algo que se

¹Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade Herrero. Curitiba, Paraná, Brasil.

*E-mail para correspondência: psicologamarianaqueiroz@gmail.com

²Psicóloga. Mestre em Educação. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade Herrero, Curitiba, Paraná, Brasil.

iniciou ainda com o trânsito das embarcações portuguesas que para cá vinham. Durante esse percurso, crianças e adolescentes eram submetidas a trabalho infantil, nesse sentido, a classificação dos trabalhadores infantis era de pajens e grumetes. De modo que pajens ficavam responsáveis por atividades leves e grumetes, por trabalhos mais pesados. Ainda nas embarcações, frente a um possível ataque, as crianças não eram tidas como prioridades, e em muitos casos, órfãos eram entregues como moeda de troca. Além disso, eram submetidas a castigos severos, abusos sexuais, dentre outros. Já no Brasil, não era incomum que muitas crianças, frutos da infidelidade conjugal na sociedade, eram abandonadas à própria sorte, e quando não faleciam, eram adotadas e escravizadas, estando sujeitas a todo tipo de maus-tratos¹.

Embora haja divergências quanto aos conceitos de negligência, os autores reconhecem-na como a omissão familiar em promover as necessidades físicas, emocionais e sociais essenciais, bem como o desleixo deliberado com o cuidado necessário para o desenvolvimento físico, moral, cognitivo, psicológico, afetivo e educacional das crianças^{2,3}. Apesar da definição, dado que essa omissão abrange necessidades básicas, é entendido que questões econômicas, sociais e culturais estão envolvidas, tornando difícil a mensuração e definição de contextos negligentes, uma vez que fatores socioeconômicos e estruturais influenciam sua manifestação⁴.

A negligência engloba as várias formas de violência, ocasionando efeitos significativos no desenvolvimento cognitivo, emocional, social e comportamental. Compreender esses efeitos é essencial para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção que contribuam para interromper o ciclo de negligência e violência, promovendo a construção de uma sociedade mais empática e comprometida com a proteção de seus indivíduos mais vulneráveis⁴.

Sabe-se, por meio de pesquisas e análises clínicas, que a exposição a qualquer tipo de violência durante o desenvolvimento infantil pode ter consequências significativas para a criança, tanto na sua infância, quanto na vida adulta. O histórico de uma pessoa, bem como onde e como ocorreu seu desenvolvimento e aprendizado diz muito sobre os comportamentos aprendidos, que, muitas vezes, ainda se manifestam na vida adulta. Diversos transtornos mentais tem ligação com contextos de negligência vividos na infância⁴.

Todavia, é necessário que conforme a perspectiva teórica da análise do comportamento, compreenda-se que todas as ações anteriormente caracterizadas como negligência, fazem parte de uma classe de comportamentos que podem se apresentar de diferentes maneiras. Isto é, uma mesma classe de comportamento apresenta diferentes topografias⁵. Também chamada de behaviorismo, a análise do comportamento, compreende o desenvolvimento humano como um processo de aprendizagem atravessado pelo ambiente, ocorrendo basicamente pelos processos de condicionamento clássico e condicionamento operante. O condicionamento clássico é o

mecanismo pelo qual uma resposta é evocada após repetidas associações com um estímulo, enquanto o condicionamento operante trata-se de um processo em que determinados comportamentos voluntários são reforçados, tendo maior probabilidade de voltar a ocorrer⁶. Tais aprendizagens, ou também chamadas aquisições comportamentais, ocorrem por todo o percurso de vida do indivíduo, sendo assim, o período da infância também é atravessado por esses processos⁶.

A violência infantil é considerada como quaisquer tipos de maus tratos e negligência que a criança sofra, qualificando a exploração, os abusos físicos, emocionais e sexuais, a violência física ou psicológica, que tenha a possibilidade de causar qualquer dano a integridade e saúde da criança⁷. Como a criança reagirá ao contexto negligente, ou após, será consequência de ter vivido tais experiências. A fase de desenvolvimento é um momento de maior vulnerabilidade, pelo fato de a criança ainda estar em formação neurobiológica, sendo assim, está mais suscetível aos efeitos ambientais aos quais estão expostos⁷.

Diante desse cenário, surge a seguinte problemática: quais são os impactos causados em indivíduos expostos à negligência na infância? A hipótese deste estudo é que a negligência vivenciada na infância está associada ao desenvolvimento de problemas psicológicos, tais como baixa autoestima, ansiedade, depressão, comportamento violento e dificuldades de regulação emocional.

O presente estudo tem como objetivo investigar os impactos causados em indivíduos expostos à negligência na infância, propondo-se a examinar quais são os principais impactos da negligência no comportamento de indivíduos que foram expostos à negligência na infância; escrutinar possíveis correlações entre negligência e manifestações de transtornos psicológicos, como depressão e ansiedade e avaliar a influência do contexto violento no desenvolvimento de comportamentos disruptivos. Assim, esta pesquisa visa fornecer subsídios para o planejamento de políticas públicas e ações comunitárias que garantam os direitos fundamentais das crianças de serem cuidadas e protegidas.

2 METODOLOGIA

Este estudo consistiu em uma pesquisa de natureza pura, qualitativa e descritiva. Segundo Gil⁸ “a pesquisa pura busca o progresso da ciência, procura desenvolver os conhecimentos científicos sem a preocupação direta com suas aplicações práticas”. A pesquisa qualitativa pode ser entendida como uma práxis que visa a compreensão, a interpretação e a explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos que é a resultante de múltiplas interações, dialeticamente

consensuais e conflitivas, dos indivíduos⁹. Uma pesquisa de natureza descritiva tem como foco principal a descrição de determinados fenômenos ou correlacionar variáveis⁸. Delineada como uma revisão sistemática de literatura, que se caracteriza pela abrangente coleta de dados, considerando todos os aspectos relevantes ao escopo do estudo. O objetivo deste estudo foi empregar métodos sistemáticos para coletar e analisar os estudos de forma metodológica, a fim de identificar sistematicamente os documentos publicados nos últimos 5 anos sobre o tema em questão. Isso incluiu a extração e síntese dos resultados encontrados na literatura, buscando proporcionar uma compreensão abrangente e aprofundada do fenômeno estudado⁸. A análise dos dados utilizou como referencial a Análise de Conteúdo de Bardin¹⁰ estruturada em três fases: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material; 3) Tratamento dos resultados e interpretação.

Os critérios de inclusão e exclusão, para coletas de dados, foram feitos pela busca dos estudos primários na literatura, estudo de caso e artigos científicos. Foram incluídos artigos primários e estudos de casos em português, publicados nos últimos 5 anos, ou seja, de 2019 a 2024.

Inicialmente os descritores violência AND (infância OR criança) foram submetidos a consulta na Thesaurus da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Desta combinação não resultaram pesquisas específicas. No entanto, quando utilizado a *string*: “violência AND (infância)”, foi associado a pesquisas nas áreas de Psicologia e Enfermagem.

A etapa seguinte, nomeada como primeira fase de busca, consistiu no levantamento bibliográfico geral nas bases de dados, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), na qual foram inseridos os descritores já mencionados. A base de dados foi escolhida pela quantidade e qualidade de conteúdo. O resultado geral, dessa primeira fase de busca, sem o estabelecimento de nenhum critério, na data de 25 de maio de 2024, foi de 11.102 documentos. Na segunda fase de busca, foram estabelecidas as seguintes estratégias: (1) Materiais publicados nos últimos 5 anos; (2) Texto completo disponível; (3) tipo de material: artigo; (4) Assunto principal: violência ou negligência contra a criança; (5) Material disponível na língua portuguesa. Nessa etapa, foram encontrados 67 artigos. Após terem sido identificados 67 artigos para análise, estes foram submetidos ao teste de relevância, adaptado de Azevedo¹¹ incluindo apenas aqueles que obtivessem respostas afirmativas aos seguintes questionamentos: 1) O artigo em questão traz um resumo completo? 2) Trata-se de um estudo de natureza qualitativa? 3) Aborda sobre negligência infantil seja na própria infância ou como consequência na vida adulta?

Dos 67 artigos selecionados e submetidos ao teste de relevância, 58 foram excluídos por não se encaixarem nos critérios preestabelecidos, restando 8 para análise integral de dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 8 artigos analisados, os quais resultaram do processo final de busca, seleção e análise, foram publicados nos periódicos: Revista Psicologia: Ciência e Profissão (n=2); Revista Brasileira de Enfermagem REBEn (n=2); Revista de Saúde Pública (n=1); Acta Paulista de Enfermagem (n=1); Estudos e Pesquisas em Psicologia (n=1); Revista Baiana de Enfermagem (n=1). Verificou-se o predomínio das áreas de Psicologia e Enfermagem. Quanto à proporcionalidade dos tipos específicos de estudo, foram encontrados 8 relatos de experiência. Quanto à população alvo dos estudos, a caracterização geral indica: adolescentes e adultos, devidamente caracterizados nos estudos, conforme se apresenta na tabela.

Figura 2. Síntese dos resultados dos artigos selecionados

(continua)

CÓD. ART.	TÍTULO	LOCAL	TIPO DE ESTUDO	OBJETIVO	CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ALVO ENVOLVIDA	CONCLUSÃO
1	Masculinidade apreendida na infância/adolescência de homens em processo criminal por violência conjugal	Salvador Bahia, Brasil	Qualitativo	Compreender os elementos constitutivos da masculinidade que permearam a infância e/ou adolescência de homens em processo criminal por violência conjugal.	13 participantes com idades entre 27 a 54 anos	Infere-se que a observação, o incentivo, a imposição e o convívio com os elementos da masculinidade tenham contribuído em suas condutas na vida adulta.
2	Percepções e Vivências de Psicólogos/as sobre a Punição Física em Crianças	Rio de Janeiro, Brasil	Qualitativo Transversal	Objetivou-se investigar as percepções e, especificamente, as vivências dos/as psicólogos/as em relação ao uso da punição física em crianças.	13 psicólogos, Sendo 8 mulheres e 5 homens entre 25 e 42 anos de idade.	Constatarem-se percepções endossando o uso da punição física e experiências pessoais de punição física na infância.
3	Violência na infância e adolescência: história oral de mulheres que tentaram suicídio	Salvador Bahia, Brasil	Qualitativo	Desvelar as expressões da violência na infância mulheres que tentaram suicídio.	10 mulheres com histórico de tentativa de suicídio com histórico de violência na infância.	O estudo alerta para a violência intrafamiliar enquanto agravo relacionado ao comportamento suicida.

Figura 2. Síntese dos resultados dos artigos selecionados

(concluí)

CÓD. ART.	TÍTULO	LOCAL	TIPO DE ESTUDO	OBJETIVO	CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ALVO ENVOLVIDA	CONCLUSÃO
4	Intergeracionalidade e no Contexto das Práticas Educativas de Mães de Crianças Pré-Escolares	Santa Maria, Rio Grande do Sul	Qualitativo	Analisar as lembranças de infância e das práticas educativas de mães de crianças pré-escolares que usam práticas coercitivas ou indutivas na criação dos próprios filhos.	12 mães com crianças em idade pré-escolar.	Os dados sugerem a transmissão intergeracional das práticas educativas.
5	Significados da dinâmica familiar por homens que reproduziram a violência doméstica	São Paulo, Brasil	Qualitativo	Analisar os significados atribuídos à dinâmica familiar por homens que reproduziram a violência doméstica vivenciada na infância	5 homens em processo jurídico por violência conjugal	A simbologia foi que a interação entre pai e filhos deve ser estabelecida de maneira rude e severa. Estes significados predispõem à reprodução da violência durante a vida adulta.
6	Significados da violência intrafamiliar vivenciada na infância/adolescência a presentes nos discursos de homens	Salvador, Bahia, Brasil	Qualitativo	Desvelar os significados da violência intrafamiliar vivenciada na infância e/ou adolescência por homens em processo jurídico por violência conjugal	5 homens em processo jurídico por violência conjugal	A história dos homens em processo jurídico por violência conjugal revela que a violência vivenciada na infância e/ou adolescência foi significada enquanto método educativo.
7	Violências Intrafamiliares Experienciadas na Infância em Homens Autores de Violência Conjugal	Alegre, Rio Grande do Sul	Qualitativo	Conhecer como se constituíram as vivências na família de origem de homens envolvidos em violência conjugal	9 homens autores de violência doméstica	Conclui-se que a construção das masculinidades sofreu influência de suas vivências pautadas por modelos parentais severos, abusivos e negligentes.
8	Os impactos da violência sexual vivida na infância e adolescência em universitários	São Paulo, Brasil	Qualitativo transversal, descritivo e observacional	Investigar a prevalência de adolescentes e adultos jovens foram vítimas de violência sexual e verificar sintomas depressivos e ansiosos	858 estudantes universitários do sexo masculino e feminino.	Os impactos causados pelo abuso são diversos e afetam, mesmo no longo prazo, a vida dos sobreviventes.

Fonte: As Autoras, 2025.

Em relação aos estudos, estes foram analisados de acordo com sua proximidade temática, delimitada pelos objetivos específicos de cada pesquisa.

O estudo caracterizado como qualitativo por Magalhães et al.¹² teve como objetivo analisar o significado da dinâmica familiar na perspectiva de homens envolvidos em processos judiciais por violência doméstica. A pesquisa foi conduzida com cinco homens em processo judicial, por meio de entrevistas que buscaram identificar as relações familiares na infância e sua configuração no presente. Os resultados indicaram que na vida dos entrevistados, a figura masculina foi frequentemente percebida como provedora e de autoridade máxima dentro do lar. Além disso, os relatos apresentados na pesquisa de Magalhães et al.¹² evidenciaram um relacionamento parental marcado por ausência afetiva e controle das relações sociais, o que restringiu as interações e as possibilidades de atribuir significados às figuras masculinas além daqueles presentes na dinâmica familiar durante a infância, bem como a utilização da violência como um método educativo. Outros achados da pesquisa de Magalhães et al.¹² relacionados aos históricos de vida dos participantes apontaram para a compreensão de que as figuras masculinas, tanto conjugais quanto paternas, não devem ser questionadas. Essas percepções foram projetadas em suas próprias experiências como cônjuges e pais, perpetuando a ideia de que esposas e filhos estão hierarquicamente subordinados ao homem. A pesquisa sugere que, a partir das experiências vivenciadas na infância, ocorre a assimilação desses significados, indicando uma possível reprodução de comportamentos na vida adulta. Os resultados demonstram semelhança com a pesquisa de Magalhães et al.¹³, que visou identificar os significados da violência intrafamiliar vivenciada na infância e adolescência por homens que reproduziram a violência conjugal. Nesta investigação, foi observado que os relatos dos participantes contextualizam uma infância marcada por ambientes violentos, tanto em esferas físicas quanto verbais. Apesar disso, os entrevistados consideravam essas práticas como educativas e necessárias, afirmando que a decisão do pai em relação ao método educativo não deve ser contestada. Essas vivências corroboram a significação de que ter sido submetido à violência, mesmo que degradante, foi necessário para sua educação e que tal prática é justa e deve ser mantida, além de ser passível de reprodução. Ambos os estudos analisados revelam semelhanças nos discursos referentes ao grau de violência, uma vez que os homens reconheceram ter vivido em contextos violentos apenas em situações extremas, o que incluiu condutas como, amarração, algemação, apedrejamento e queima. Isso é preocupante, pois as formas de violência mais sutis podem ser normalizadas e tornarem-se corriqueiras.

A pesquisa de Brasco e De Antoni¹⁴, que busca compreender como a violência se instaurou nas famílias de homens em processo judicial por violência doméstica, entendendo os detalhes da

construção da masculinidade nos contextos familiares, também reafirma os achados de Magalhães et al.¹³. Os resultados indicaram que os entrevistados estavam inseridos em contextos de negligência afetiva das figuras de apoio, violência física, tanto parental quanto entre pares, além do convívio com uma figura masculina associada ao estigma de provedor e autoridade máxima. A banalização e normalização dessas experiências como práticas justas para a educação foram igualmente constatadas nos relatos, assim como nos estudos anteriormente discutidos.

Os achados das investigações mencionadas podem ser respaldados pela teoria da Análise do comportamento e pela Teoria da Aprendizagem Social. Skinner¹⁵ define comportamento como uma ação observável e mensurável de um organismo em resposta a estímulos do ambiente, sendo modificado pelas consequências que o seguem. O autor enfatiza que o comportamento é primariamente influenciado por suas consequências, ou seja, o que ocorre após a manifestação do comportamento. Paralelamente, Bandura¹⁶, em sua teoria, aborda o conceito de modelação, que postula que o indivíduo, ao observar o comportamento de outros, pode aprender ou reforçar determinados padrões comportamentais, sem a necessidade de um reforço direto, sendo possível aprender certos comportamentos apenas pela observação. Com base nessa premissa, compreende-se que um indivíduo exposto a um contexto permeado por violências, abusos, maus-tratos e/ou situações degradantes pode ter suas chances de adotar tais padrões comportamentais amplificadas. Helen Bee¹⁷ corrobora as afirmações anteriores ao afirmar que “ao bater na criança repetidas vezes, você passa para ela o modelo de que problemas são solucionados com força física ou como método para que outros façam aquilo que você quer.”

A pesquisa de França et al.¹⁸ realizada com psicólogos, por meio de um questionário sobre práticas punitivas e percepções associadas ao tema, fornece evidências que corroboram com o estudo atual, enfatizando os malefícios da punição física. Em relação às percepções sobre o ato de violência em crianças, os resultados indicaram que os participantes manifestaram tanto opiniões favoráveis, quanto desfavoráveis às punições físicas. Alguns reconhecendo-as como práticas violentas e potencialmente prejudiciais ao desenvolvimento infantil. Portanto, o estudo evidencia que, apesar do conhecimento científico acerca dos efeitos adversos das experiências aversivas, persiste uma ambivalência na compreensão desse fenômeno, resultante da naturalização, persistência e da transgeracionalidade da prática. Tal fato fundamenta a necessidade de desenvolver intervenções preventivas mais eficazes, bem como de capacitar os profissionais de saúde sobre essa temática.

Bem como o estudo de França et al.¹⁸, a pesquisa realizada por Porta, Wottrich e Siqueira¹⁹ também revela uma ambivalência nas percepções dos entrevistados em relação à abordagem da transgeracionalidade, a qual é descrita como intergeracionalidade pelos autores, referente a

transmissão de padrões comportamentais e emocionais, passados de gerações para gerações. O estudo teve como objetivo analisar se as experiências educativas na infância das mães entrevistadas, impactaram na maneira como educavam seus filhos. A ambivalência identificada no artigo indica que as mães que tiveram vivências negativas e traumáticas decorrentes da utilização da violência física como método educativo, frequentemente repetiam essas mesmas práticas com seus filhos. Segundo os autores, tal prática é decorrente da transmissão intergeracional, ou seja, as experiências que os pais vivenciaram em suas próprias infâncias são lembradas e, por vezes, replicadas aos seus filhos. Em contrapartida, outras mães que vivenciaram contextos afetivos, optaram por não empregar práticas coercitivas na educação de seus filhos. Assim, os autores concluem que a forma como os pais foram educados influencia diretamente as estratégias que utilizam para orientar seus filhos.

A pesquisa realizada por Silva et al.²⁰ buscou compreender os aspectos formadores da masculinidade de homens detentos por violência conjugal, as quais podem derivar das experiências da infância. Os autores analisaram relatos de contextos negligentes, com ênfase na figura paterna, para investigar se existia uma relação entre esses contextos e a prática de violência conjugal na vida adulta. Os resultados apontam como constitutivos desse perfil, o distanciamento dos objetos femininos, a fim de “proteger o vigor masculino”; a não externalização das emoções e a limitada interação social, revelado como introspecção sobre sentimentos; a impulsividade e a infidelidade também são destacadas como ensinamentos repassados por esses pais, assim como a violência intrafamiliar e a importância do domínio masculino sobre a mulher e família. Deste modo, os autores ressaltam que as condutas adotadas pelos pais durante a infância dos meninos podem contribuir para a formação de comportamentos violentos na fase adulta. Isso é corroborado por diversos estudos que indicam que a formação do indivíduo é significativamente influenciada pelas experiências vividas na infância e adolescência. A teoria da Aprendizagem Social proposta por Bandura, traz o conceito de aprendizagem vicariante ou aprendizagem observacional, da qual em hipótese explicaria a reprodução deste padrão de violência aprendido¹⁶.

Sob outra perspectiva, os autores Correia et al.²¹ também conduziram um estudo sobre a violência intrafamiliar, destacando mulheres com histórico de tentativas de suicídio. Com objetivos análogos, isto é, compreender a relação entre os contextos de violência intrafamiliar vividos na infância, com o agravamento dos comportamentos como o suicídio. O estudo inicia ressaltando a extrema importância da proteção do público infanto-juvenil, salientando as formas de negligência como um fenômeno que atinge de forma significativa a vida de quem a vivência, podendo levar até mesmo ao suicídio. Corroborando com este dado, o estudo transversal realizado por Silva et al.²⁰ que buscou investigar adolescentes e jovens adultos que foram vítimas de violência

sexual, revelou que as vítimas desta violência apresentaram os maiores escores para sintomas depressivos e ansiosos o que pode estar relacionado com o trauma vivido. Tal resultado reforça que os impactos causados pelas diversas formas em que a violência se revela e afeta significativamente a vida dos sobreviventes. Validando os resultados destes estudos, Bee¹⁷ traz em seu relato de pesquisa que crianças expostas a abusos são mais propensas do que as não expostas a desenvolverem comportamentos disfuncionais e violentos ao longo de sua vida, além disso também podem apresentar comportamentos problemáticos, baixa autoestima, transtornos de estresse pós-traumático e até distúrbios do sono.

De forma semelhante, os autores Silva et al.²⁰, em seu artigo sobre os constructos masculinos, identificaram denominadores comuns que podem ser considerados indicadores agravantes para a saúde mental. Entre as vivências hostis no âmbito familiar, foram evidenciadas a violência psicológica; a rejeição e humilhação; violência sexual e física; bem como ausência de afetividade e violação dos direitos. Os estudos também ressaltam a dificuldade na identificação e denúncia dos agressores, visto que comumente pertencem ao círculo doméstico, o que torna a infância ainda mais vulnerável. Em suma, observou-se nos estudos que há uma relação estreita entre a vivência da negligência e o sofrimento mental, manifestando-se em comportamentos autodestrutivos ou perigosos para outrem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste estudo foi investigar os impactos da negligência em adultos expostos à violência na infância retratados na literatura brasileira nos últimos 5 anos, especificamente no período de 2019 a 2024, para tanto, o processo de busca de análise resultou em 8 artigos nos quais foram analisados na íntegra. No que se refere à limitação da pesquisa pode se observar a dificuldade em encontrar materiais acadêmicos que abordassem especificamente a negligência na infância e seu impacto a longo prazo, além disso, os descritores de busca tiveram que ser adaptados utilizando o idioma inglês de modo que os resultados obtidos fossem mais assertivos. Sendo assim, a área de pesquisa em violência na infância se beneficiaria de estudos empíricos longitudinais, uma lacuna importante identificada por esse estudo.

Os impactos psicológicos decorrentes da vivência de negligência ou violência na infância identificados de forma geral, incluem a reprodução de comportamentos violentos, a internalização de papéis de gênero, além de transtornos mentais como depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático. Também foram observadas consequências sociais, como a perpetuação de ciclos de

abuso e a normalização da violência. Evidenciou-se que esses efeitos tendem a se manifestar com maior intensidade na adolescência e vida adulta, ainda que os eventos traumáticos tenham ocorrido na infância. Tais impactos podem resultar em comportamentos disfuncionais, tanto a curto e longo prazo.

Ademais, observou-se na maioria dos estudos revisados, havia uma associação do contexto de violência com os homens envolvidos em processos judiciais por agressão doméstica. Relacionando o comportamento violento que tiveram com as mulheres, com os contextos aversivos vivenciados anteriormente. A partir dessa observação, pode-se inferir que a internalização de papéis de gênero e a vivência da violência intrafamiliar durante a infância, não apenas afetam a saúde mental dos indivíduos, mas também contribuem para o surgimento de sintomas ansiosos, depressivos e de estresse pós-traumático. Bem como, prejudicam a capacidade de estabelecer relacionamentos saudáveis, motivando a transmissão intergeracional de padrões violentos. Portanto, é possível estabelecer uma associação entre contextos violentos e comportamentos disruptivos que afetam a infância, mas também extrapolam essa fase de vida, se estendendo para a vida adulta, o que constitui um dos objetivos desta pesquisa.

A pesquisa literária, também evidencia diversas consequências decorrentes da vivência em contextos aversivos, tal como a presença de comportamentos suicidas, bem como a repetição de práticas violentas em relação a outras pessoas, como filhos ou cônjuges. Esses achados destacam as implicações de uma educação baseada na violência.

A transgeracionalidade e a aprendizagem por modelagem, conforme proposta por Albert Bandura, estabelecem uma correlação que compreende o comportamento como um fenômeno aprendido e transmitido. Dessa forma, se uma criança experiencia a violência, esse comportamento pode ser aprendido e replicado, podendo se manifestar de diversas formas, seja autodestrutiva ou em ações violentas direcionadas a outras pessoas. Assim, para que a violência seja reduzida, é necessário diminuir ou idealmente eliminar a exposição a padrões de comportamentos violentos. O que deve incluir programas de educação parental.

Entretanto, foi detectada uma ambivalência nas percepções de participantes de pesquisas sobre a punição física, pois, ainda que tenham vivenciado tal prática, exibem uma resistência em questionar práticas violentas, mesmo diante de evidências científicas que demonstram seus efeitos prejudiciais. Também, é fundamental ressaltar que diversos autores afirmam que vivenciar contextos negligentes não são um fator determinante para o desenvolvimento de transtornos mentais. Embora a experiência de situações de negligência possa gerar sentimentos negativos na criança, resultando em consequências tanto imediatas quanto futuras, essas circunstâncias não são definitivas ou únicas na formação de tais transtornos. Contudo, testemunhar ou ser submetido a contextos negligentes ou

violentos se constitui como fatores de risco significativo para o desenvolvimento de quadros psicopatológicos, o que obviamente irá depender da interação da história genética (filogênese) desse indivíduo com seu conjunto de vivências e história de aprendizagem individual (ontogênese), bem como da rede de apoio presente ou ausente na vida desse indivíduo.

Os resultados obtidos neste estudo confirmaram a hipótese inicialmente proposta, demonstrando que a negligência durante a infância exerce impactos significativos na vida adulta, com isso torna-se necessário promover uma maior disseminação de informações acerca das possíveis consequências da violência na infância, uma vez que se trata de um problema de saúde pública e uma prática presente desde tempos antigos. À medida que a informação e a pesquisa científica avançam, surgem novas oportunidades para a mudança de perspectivas em relação às práticas violentas e à visão da infância. As crianças têm o direito de serem respeitadas e protegidas, especialmente por seus responsáveis, que desempenham um papel crucial como referências de comportamento e na formação de suas interpretações sobre o mundo e sobre si mesmas. Além disso, tais crianças ao crescerem podem potencialmente reproduzir padrões violentos de comportamento, constituindo uma nova família e reforçando a noção de padrão de transmissão intergeracional da violência. Outro ponto é a saúde mental de adultos que vivenciaram violência na infância, haja vista que se tornam mais vulneráveis a desenvolver quadros psicopatológicos. Tais achados, reforçam a necessidade de promover intervenções preventivas eficazes e de capacitar os profissionais para lidar com as complexidades associadas à violência familiar e seus impactos transgeracionais. Sendo fundamental a continuidade da discussão sobre este tema, visando promover reflexões críticas e responsivas sobre a infância.

REFERÊNCIAS

1. Del Priore M. História das Crianças no Brasil. 7a. ed. Contexto: São Paulo, 2010.
2. Barbosa CTAM, Da Rocha EN. Violência contra a criança e o adolescente e a atuação do psicólogo. *Revista Mosaico*. 2020;11(2):161–168.
3. Reis DM, Prata LCG, Parra CR. O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil. *Revista Luso-Brasileira de Psicologia*. 2018 1(1):1-20.
4. Mata NT. Negligência na infância: uma reflexão sobre a (Des)proteção de crianças e famílias. *O Social em questão*. 2019; 22(45):223-238.
5. Muller LC. Análise experimental do comportamento de auto-tato em crianças sob diferentes audiências: um estudo-piloto. Trabalho de Conclusão de Curso. São Paulo: PUC-SP; 2025.
6. Papalia DM, Feldman DR. Desenvolvimento Humano. 12a. ed. Brasil, 2013.

7. Organização Mundial da Saúde (OMS). Novo estudo da OPAS descobre importantes lacunas nas medidas para prevenir a violência contra crianças e adolescentes. Brasil, 2020.
8. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ªed. Atlas: São Paulo, 2008.
9. Alves EC, Aquino MA. A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UFPB - 2008 a 2012. *Inf. & Soc.:Est.* 2012(22):79-100.
10. Bardin L. Análise de conteúdo. 3a. ed. Edições 70: São Paulo, 2016.
11. Azevedo RS. Sobrecarga do cuidador informal da pessoa idosa frágil: uma revisão sistemática da literatura. Belo Horizonte. Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. (Dissertação) Mestrado em Enfermagem. UFMG, 2010.
12. Magalhães JRF, Gomes NP, Estrela FM, Silva AF, Carvalho MRS, Pereira A, Cruz MA, Carneiro JB. Significados da dinâmica familiar de homens que reproduziram a violência doméstica. *Acta Paul Enferm.* 2020;(34):1-7.
13. Brasco PJ, De Antoni C. Violências intrafamiliares experienciadas na infância em homens autores de violência conjugal. *Psicologia: Ciência e Profissão.* 2020;(40):1-16.
14. Skinner BF. *Ciência e Comportamento Humano.* 11ª edição. Martins Fontes: São Paulo, 2003.
15. Bandura A, Azzi RG, Polydoro S. Teoria social cognitiva: conceitos básicos. 1ªed. Artmed: São Paulo, 2007.
16. Bee H, Boyd D. A criança em desenvolvimento. 12a. ed. Artmed: São Paulo, 2011.
17. França T, Hohendorff JV, Silva ACP, Costa C. Percepções e vivências de psicólogos/as sobre a punição física em crianças. *Estudos e Pesquisas em Psicologia.* 2023;23(1):270-290.
18. Porta DD, Wottrich SH, Siqueira AC. Intergeracionalidade no contexto das práticas educativas de mães de crianças pré-escolares. *Psicologia: Ciência e Profissão.* 2021; 41(3):1-16.
19. Silva AF, Estrela FM, Magalhães JR, Pereira A, Gomes NP, Oliveira MAS, Lima VLA. Masculinidade aprendida na infância/adolescência de homens em processo criminal por violência conjugal. *Rev Baiana Enferm.* 2021;(35):01-09.
20. Correia CM, Gomes NP, Diniz NMF, Andrade ICS, Romano CMC, Rodrigues GRS. Violência na infância e adolescência: história oral de mulheres que tentaram suicídio. *Rev Bras Enferm.* 2019;72(6):1525-1532.